



O PACTO SOBRE O PAPEL DO JORNALISMO NA COBERTURA DO JORNAL NACIONAL DAS ENCHENTES DO RIO GRANDE DO SUL

PONDERAÇÕES SOBRE AS ENTRADAS AO VIVO

THE AGREEMENT ON THE ROLE OF JOURNALISM IN JORNAL NACIONAL'S COVERAGE OF THE RIO GRANDE DO SUL FLOODS

CONSIDERATIONS ON THE LIVE BROADCASTS

Michele Negrini¹

Calvin Cousin²

Resumo: Este artigo analisa a cobertura do Jornal Nacional sobre as enchentes ocorridas no Rio Grande do Sul em maio de 2024, com foco nas entradas ao vivo exibidas na edição de 6 de maio, primeiro dia em que o telejornal foi apresentado diretamente do estado. O objetivo é compreender como se configura o pacto sobre o papel do jornalismo (Gomes, 2007) a partir dos modos de endereçamento adotados pelo programa em um contexto de tragédia climática. Para isso, foi realizada uma análise qualitativa da edição selecionada, observando elementos narrativos, visuais e performáticos das entradas ao vivo de apresentador e repórteres. Focou-se, ainda, na observação dos critérios de noticiabilidade que nortearam a seleção das pautas das entradas ao vivo. Percebe-se que o Jornal Nacional assume um papel de testemunha e mediador social, articulando factualidade, comoção e mobilização solidária. A cobertura reforça a centralidade do “ao vivo” como estratégia de credibilidade e aproximação, dialogando de forma parcial com pressupostos do jornalismo ambiental, especialmente no que tange ao impacto social das catástrofes climáticas.

Palavras-chave: Enchentes no Rio Grande do Sul. Entradas ao vivo. Endereçamento. Telejornalismo.

Abstract: This paper analyzes Jornal Nacional's coverage of the floods in Rio Grande do Sul in May 2024, focusing on the live broadcasts aired in the May 6 edition, the first day the newscast was presented directly from the state. The objective is to understand how the pact regarding the role of journalism (Gomes, 2007) is configured based on the modes of address adopted by the program in a context of climate tragedy. For such, a qualitative analysis of the selected edition was conducted, observing narrative, visual, and performative elements of the live broadcasts by the anchor and reporters. We also focused on the newsworthiness criteria that guided the selection of topics for live broadcasts. It is observed that JN assumes the role of witness and social mediator, articulating factuality, emotional appeal, and solidarity mobilization. The coverage reinforces the centrality of the “live” format as a strategy of credibility and proximity, partially dialoguing with the premises of environmental journalism, especially with regard to the social impact of climate catastrophes.

1 Jornalista pela Universidade Federal de Santa Maria. Mestre em Comunicação e Informação pela Universidade do Rio Grande do Sul. Doutora em Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Docente da Universidade Federal de Pelotas. mmnegrini@yahoo.com.br

2 Jornalista. Doutor em Comunicação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCOM - UFRGS). Realizou estágio doutoral na Syracuse University (EUA). calvin.cousin96@gmail.com



Keywords: Rio Grande do Sul floods. Live reports. Modes of address. Television journalism.

OLHARES INTRODUTÓRIOS

As enchentes no Rio Grande do Sul, em 2024, foram uma tragédia climática de grandes proporções, que mobilizou o país e ganhou amplo espaço nos meios de comunicação. O jornalista de televisão, em casos como esse, é responsável por acompanhar tais situações, muitas vezes traumáticas, e colocar os fatos de maneira ordenada para o grande público (Coutinho; Mata, 2013). Nisso identifica-se a importância do trabalho dos jornalistas e do compromisso em manter a população com informações confiáveis e legítimas em emergentes situações de crise.

Negrini e Cousin (2025) indicam que, em casos de tragédias, o jornalismo e os jornalistas têm papel fundamental na difusão de informações com credibilidade. Coutinho e Mata (2013, p. 381), falando do jornalismo televisivo, apontam que “parte do (meio) ambiente, o jornalista de televisão é responsável por acompanhar esse tipo de situação, muitas vezes traumática, e narrar os fatos, descrevendo os cenários e seus personagens para o público”. As palavras dos autores acenam para a perspectiva do papel social do jornalismo nesses contextos.

O jornalista, nesses casos, exerce o papel de testemunha dos fatos e de mediador entre os acontecimentos e o público. Nessa seara, Amaral, Pozobon e Rubin (2010) legitimam a ideia de que os jornalistas são mediadores entre o público e os fatos ocorridos, tendo papel fundamental na condução de demandas sociais e dos que foram atingidos para o grande público, que acompanha as informações sobre os acontecimentos através do espaço midiático e que, a partir das informações obtidas pelo jornalismo, pode se tornar agente ativo na minimização dos problemas gerados pela situação trágica.

Discorrendo especificamente sobre o papel do jornalismo nas enchentes do Rio Grande do Sul, Negrini e Cousin (2025, p. 4) inferem: “No caso da tragédia ocorrida no RS, foi através do jornalismo, especialmente através do espaço dado às notícias do ocorrido no telejornalismo, que o assunto teve ampla difusão em nível nacional e que houve a tessitura de uma rede de voluntariado”. O relato jornalístico, na medida que transmitia informações atualizadas e confiáveis, se tornava um meio de despertar a consciência social acerca da necessidade de dar suporte para minimizar a condição de caos no RS. Os autores ainda ponderam:

O relato telejornalístico de uma tragédia proporciona ao público a possível sensação de inserção e de conhecimento sobre o acontecimento. Com o recurso da imagem, que em geral é amplamente explorado pela TV – na qual há uma seleção dos discursos imagéticos mais impactantes, de artes e de infográficos –, que cria a sensação de proximidade com o local dos atos, o que pode gerar mobilização social em prol do auxílio e do socorro. Na enchente vivida pelos gaúchos, a cobertura midiática deu suporte para que pessoas do Brasil inteiro tivessem mais informações, ocorrendo, assim, o voluntariado do país todo (Negrini; Cousin, 2025, p. 4-5).

Como mencionado por Negrini e Cousin (2025), nas enchentes do Rio Grande do Sul, o jornalismo, especialmente o realizado para TV, deu oportunidade para os espectadores de todo o país, através de discursos verbais e imagéticos impregnados de sentidos de dor, terem acesso ao cenário das cidades gaúchas atingidas pelas cheias e compartilhar um pouco da experiência da dor alheia. Com a mobilização gerada pelas transmissões midiáticas, o trabalho voluntário foi um fator que se sobressaiu e as



doações materiais e financeiras se efetivaram de forma ampla e robusta. O jornalismo atuou como uma vitrine do cenário gaúcho para que o apoio aos que estavam desabrigados pudesse ocorrer.

Falando das coberturas de eventos trágicos, Amaral, Motta e Souza (2022) relatam que fica visível o pensamento de que há uma sensibilização do grande público e a geração de comoção nas pessoas que estão acompanhando a TV, efetivando, muitas vezes, a construção de um espetáculo midiático, como demarcado por Guy Debord (1997). Bueno (2017) aponta elementos da espetacularização em tais situações, sendo essa uma marca recorrente no jornalismo ambiental contemporâneo. Ao cobrir desastres, veículos de comunicação ao redor do mundo tendem a explorar o potencial dramático e a gravidade dessas ocorrências para atrair a audiência.

As palavras de Bueno (2017) emergem a discussão sobre a espetacularização nas coberturas midiáticas em contextos trágicos de morte. Nessa linha de pensamento, cabe convocar o pensamento de Negrini (2010, p. 99), que destaca as imagens mais frequentes nessas situações: “É comum a reprodução do choro, da tragédia, de pessoas demonstrando os sentimentos mais íntimos de um ser humano frente à perda”. Imagens de dor, de destruição e de tristezas ganham espaço nos mais variados telejornais e chegam à casa dos espectadores como forma de comoção. No caso das enchentes do estado gaúcho, o espetáculo se constituiu como uma forma de chegar até o público e proporcionar a geração da necessidade de ajuda aos que estavam em situação de vulnerabilidade. O espetáculo foi um agente de aproximação entre o público e a tragédia. Negrini e Cousin (2025) argumentam que a construção do relato televisivo sobre catástrofes se baseia em uma curadoria de discursos imagéticos e artes gráficas que inserem o público no acontecimento, inevitavelmente o aproximando do fato. Para os autores, essa proximidade simulada pela televisão tem o potencial de converter a audiência em uma rede de apoio social.

A partir dos apontamentos dos autores, fica evidente que o trabalho jornalístico atua como forma de aproximação do grande público com o contexto trágico, gerando laços das pessoas que estão em suas casas com a dor dos outros e com a situação alheia. Segundo Amaral, Motta e Souza (2022), a comoção social diante de desastres é fomentada por padrões narrativos específicos. Os autores destacam que a combinação de registros visuais de devastação, o senso de imediatismo nas cenas de urgência e o impacto emocional dos relatos das vítimas são elementos centrais para a construção do drama jornalístico.

No caso da cobertura telejornalística das enchentes, é potente destacar o trabalho efetuado pelo Jornal Nacional (JN). William Bonner deixou a tradicional bancada do telejornal e apresentou diretamente da cidade de Porto Alegre (passando por diversos locais). Negrini e Cousin (2025) observam que, embora a cobertura tenha sido multifacetada, houve uma centralidade evidente nos danos materiais e no drama pessoal dos atingidos. Paralelamente a esse cenário de dor e devastação, os autores destacam que as ações de voluntariado também ocuparam um espaço considerável no acompanhamento mediático dos fatos. Assim, a partir dos argumentos apresentados, este estudo tem como foco analisar os modos de endereçamento (Gomes, 2007) do JN verificados na cobertura das enchentes gaúchas de maio de 2024. Haverá mais atenção ao “pacto sobre o papel do jornalismo” (Gomes, 2007) assumido pelo JN, na edição de seis de maio de 2024, primeiro dia de apresentação do JN, por William Bonner, diretamente do Rio Grande do Sul (RS).



ENTRADAS AO VIVO EM COBERTURAS DE TRAGÉDIAS CLIMÁTICAS

É inevitável, em tal cenário, ponderar sobre a prática do jornalismo ambiental. Segundo Bueno (2007), essa modalidade de jornalismo não se limita à difusão de informações sobre a natureza em sentido estrito, mas adota uma compreensão ampliada de meio ambiente, entendendo-o como um sistema complexo que articula dimensões físicas, biológicas, sociais, culturais, políticas e econômicas. Nesse sentido, o jornalismo ambiental assume funções informativas, pedagógicas e políticas, ao informar a sociedade sobre questões ambientais, explicitar causas e consequências dos problemas socioambientais e mobilizar cidadãos frente a interesses econômicos e institucionais que intensificam a degradação ambiental, reafirmando seu compromisso com a cidadania, a democratização do conhecimento e a qualidade de vida.

Ao aprofundar essa compreensão, Holanda, Kääpä e Costa (2022) destacam que o jornalismo ambiental contemporâneo enfrenta o desafio de ir além da cobertura episódica de desastres ou controvérsias pontuais, assumindo uma abordagem crítica e contextualizada dos conflitos socioambientais. As autoras argumentam que essa prática jornalística deve evidenciar as disputas de poder, os interesses econômicos e as desigualdades sociais implicadas nas questões ambientais, aproximando-se das perspectivas da comunicação ambiental crítica. Nesse sentido, o jornalismo ambiental é compreendido como um espaço de mediação simbólica capaz de estimular o debate público, favorecer o engajamento cidadão e contribuir para processos democráticos de tomada de decisão, especialmente em contextos marcados por assimetrias de informação e por narrativas hegemônicas que tendem a invisibilizar impactos ambientais e sociais de determinadas atividades produtivas. Nisso, e em seu caráter de alto impacto social, o cenário da tragédia emerge como um momento que facilmente capta a atenção do público.

Ao falar sobre coberturas de tragédias climáticas, Silveira (2020) aponta que há formatos que se sobressaem nas transmissões, devido a poderem ser levados ao ar de forma rápida e ágil. Nesse cenário, é possível elencar as notas ao vivo ou entradas ao vivo, as quais foram muito efetivadas na edição do JN em estudo. Backes e Dalmolin (2024, p. 2) caracterizam as entradas ao vivo:

Por entrada ao vivo (ou vivo), entendemos um formato de notícia inserido no telejornal, constituindo-se da participação do repórter enunciando informações, com captação de imagem e som simultânea à transmissão, diretamente no local de onde a enunciação é realizada [...].

De acordo com Reis, Thomé e Miranda (2018), na atualidade, momento em que é possível visualizar transformações constantes no telejornalismo, ocorrem conversas ao vivo entre apresentadores e repórteres na rua, dando a impressão que há proximidade entre eles. No caso da cobertura do JN das enchentes do RS, William Bonner estabelecia diversos diálogos com repórteres de diversas praças da RBS TV, sempre ao vivo no decorrer das edições do telejornal, evidenciando a agilidade na transmissão dos fatos e a proximidade entre os agentes do telejornal.

Backes e Dalmolin (2024) argumentam que as transformações digitais não apenas facilitaram as entradas ao vivo, mas impuseram uma nova dinâmica funcional no jornalismo. Para as autoras, esse cenário altera a maneira como as histórias são contadas e influencia diretamente a escolha por determinados modelos de cobertura em detrimento de outros, baseando-se nas novas possibilidades de interação com o real.



As palavras das autoras acenam para a perspectiva, no caso das enchentes do RS no JN, de que as entradas ao vivo foram formas de aproximação dos jornalistas com a tragédia climática, mostrando-se como testemunhas das ocorrências. Pensando na potência das entradas ao vivo como instrumento de destaque ao cenário de destruição que grande parte do Rio Grande do Sul se encontrava, entende-se que essa dinâmica dá suporte para a construção de enquadramentos focados na tragédia, sobretudo do ponto de vista físico. A presença dos repórteres nas ruas torna o cenário factível.

Ainda discorrendo sobre entradas ao vivo no telejornal, cabe convocar o pensamento de Neto (2022), que relaciona o formato com o desenvolvimento tecnológico. O autor elenca dois formatos como significativos no contexto da presença da tecnologia na construção noticiosa antes da digitalização da TV: “[...] a possibilidade do link, com repórteres ao vivo em externa e a chegada das cores ao aparelho de TV” (Neto, 2022, p. 38). Conforme observa Neto (2022), apoiado nas reflexões de Souza (2020), o telejornalismo contemporâneo tem priorizado reportagens que exploram o imediatismo das entradas ao vivo. Esse modelo, caracterizado pela redução do texto em favor do contato direto com as fontes no local dos fatos, destaca-se na grade televisiva por permitir que o público acompanhe o desdobramento dos eventos em tempo real.

Como aponta Neto (2022), as entradas ao vivo conferem mais agilidade ao telejornalismo, mostrando os fatos diretamente do local do acontecimento. Backes e Dalmolin (2024) sustentam que a onipresença das entradas ao vivo no telejornalismo atual também responde a uma lógica financeira. Para os autores, a simplificação técnica desse formato permite baratear os custos e aumentar a produtividade, o que resulta em uma ocupação estruturante do “ao vivo” na grade de programação, especialmente em canais de notícias e programas regionais.

Em relação à cobertura do Jornal Nacional das enchentes do Rio Grande do Sul de maio de 2024, as entradas ao vivo foram um formato amplamente utilizado (Negrini e Cousin, 2025), o que acena para a significação e para a presença do formato no contexto da cobertura do JN das enchentes de 2024. Assim, observar o pacto sobre o papel do jornalismo nesses vivos é um assunto que requer aprofundamentos.

MODOS DE ENDEREÇAMENTO DO JN NAS ENCHENTES DO RS

O conceito de modo de endereçamento, de acordo com Gomes (2007), tem origem na análise filmica. Ele tem sido usado, desde os anos 1980, para a efetivação de análises de como programas televisivos se relacionam com os espectadores. Elizabeth Ellsworth (2001), em suas reflexões sobre modo de endereçamento, aponta que o termo pode ser sintetizado na pergunta: “quem este filme pensa que você é?” (p. 11). Ao fazer reflexões sobre a relação entre um filme e o público, Ellsworth (2001, p. 17) destaca que modo de endereçamento não é restrito a um momento visual, mas ele é toda uma estruturação conformada com o tempo. Cabe salientar que a perspectiva de posição de sujeito é importante no olhar da autora, pois entende que existem “posições” no interior das relações, marcadas por elementos relativos ao poder dos personagens, que dirigem os enfoques narrativos e visuais das histórias. Ainda, para ela, não existe um único modo de endereçamento e o do cinema é apenas um dos muitos presentes no contexto do público. Ela ainda assinala a importância da conjuntura histórica da produção e da recep-



ção para o entendimento do endereçamento de um filme: “o modo de endereçamento envolve história e público e expectativa e desejo” (Ellsworth, 2001, p. 47).

Gomes (2007), ao falar sobre modo de endereçamento, aponta que o assunto diz respeito às formas de estabelecimentos de relações entre um programa e a sua audiência a partir da formação de seu estilo. Negrini (2018, p. 110) destaca: “Assim, o estilo está relacionado às especificidades do programa, às formas de tratamento das informações transmitidas e aos delineamentos dos textos veiculados”.

Segundo Gomes (2007), o modo de endereçamento deve ser compreendido como uma “orientação para o receptor” que define a singularidade de um produto jornalístico. Recuperando a perspectiva de Hartley, a autora aponta que o conceito vai além da simples transmissão de informações sobre acontecimentos; ele reside no tom e no estilo adotados, constituindo a própria marca que distingue um telejornal dos demais. É esse mecanismo, portanto, que molda a percepção da audiência e confere especificidade à narrativa televisiva (Gomes, 2007).

Negrini (2018), ao falar dos olhares de Itania Gomes acerca do tema, afirma que a autora visualiza a perspectiva de modo de endereçamento como sendo um modo em que determinado programa se relaciona com a audiência, a partir de um estilo próprio de constituição das notícias e de transmissão para o público. “Um modo de dizer específico é voltado para determinados receptores. O estilo do texto leva à constituição do sujeito receptor implícito” (Negrini, 2028, p. 110). Cabe salientar também que Silva (2005) assinala que é através do modo de endereçamento que as tessituras das mensagens dos meios de comunicação vão ser efetivadas e vão ser direcionadas a um determinado público.

Em relação ao texto jornalístico, ele é permeado por complexidades, é conformado a partir do casamento de diversos elementos, como os sonoros, verbais e imagéticos, que são importantes na produção de sentidos sobre o tema em questão. Para dar conta de reflexões sobre textos de programas de telejornalismo televisivo, Gomes (2007) demarca quatro operadores analíticos de modo de endereçamento: (1) o mediador; (2) o contexto comunicativo; (3) o pacto sobre o papel do jornalismo; (4) organização temática. Neste trabalho, como chave analítica, voltaremos nossa atenção à observação do pacto sobre o papel do jornalismo visualizado nas entradas ao vivo efetivadas na cobertura do JN das enchentes do RS. Conforme destaca Silva (2005), cada produção jornalística firma com seu público um compromisso implícito acerca da natureza do conteúdo que será entregue. Esse pacto sobre o papel do jornalismo funciona como um elemento de distinção, permitindo que os programas atraiam perfis específicos de audiência ao alinhar diversos recursos narrativos e técnicos às expectativas que o telespectador possui sobre a função social e informativa daquele programa.

Gomes (2007) destaca que o entendimento do pacto sobre o papel do jornalismo se efetiva com a compreensão da forma como o telejornal opera com instâncias jornalísticas, como objetividade, imparcialidade, factualidade, interesse público, responsabilidade social, liberdade de expressão e de opinião, atualidade, quarto poder, como opera com os princípios da verdade, pertinência e relevância da notícia e em relação aos valores-notícia.

Ainda na seara do pacto do papel do jornalismo, Gomes (2007) diz que os formatos de apresentação da notícia, como nota, reportagem, entrevista, indicador, editorial, comentário, resenha, crônica, caricatura, enquete, perfil, dossiê e cronologia, apontam para o tipo de jornalismo que vai ser evidenciado em um telejornal.



OLHARES ANALÍTICOS

Para observar o pacto sobre o papel do jornalismo do Jornal Nacional na cobertura das enchentes do Rio Grande do Sul, com foco nas entradas ao vivo dos repórteres, analisou-se a edição do telejornal do dia 6 de maio de 2024, o primeiro dia a contar com a apresentação do Jornal Nacional diretamente do estado em calamidade. Foi executada uma observação simples da edição, tomando modos de endereçamento como olhar teórico-metodológico, com foco no operador “pacto sobre o papel do jornalismo” (Gomes, 2007). Entende-se por modo de endereçamento como uma perspectiva de construção do estilo de um telejornal, visando a uma posição de sujeito espectador, e assumiu-se “pacto sobre o papel do jornalismo” como uma perspectiva de efetivação de instâncias jornalísticas, como objetividade, imparcialidade e critérios de noticiabilidade³. Dessa forma, observou-se a edição com destaque aos critérios de noticiabilidade. Percebeu-se que os valores usados para seleção de notícias são basais para composição do estilo de um telejornal. Além dos critérios de seleção das pautas, realizou-se uma análise qualitativa da edição selecionada, observando elementos narrativos, visuais e performáticos das entradas ao vivo de apresentador e repórteres.

Vale ressaltar que o Jornal Nacional do dia 6 de maio de maio de 2024 teve duração de 54 minutos e 34 segundos. A ampla divulgação das enchentes pelo JN e a apresentação do Bonner ao vivo do RS se justificam pelo interesse público de um fato trágico ambiental com dimensões tão graves. Cristofolletti e Triches (2014) caracterizam o interesse público no jornalismo como sendo o que é importante para o âmbito social.

Contudo, ao se analisar o pacto sobre o papel do jornalismo firmado na edição, percebe-se que o telejornal transcende à função informativa básica. A presença do âncora em solo gaúcho, longe da segurança da bancada, opera como um dispositivo de “presença testemunhal” que reconfigura o contrato de leitura com o público. Ao adotar vestimentas informais e tom de voz que modula entre a gravidade e o lamento, o JN deixa de ser apenas o relator dos fatos para se instituir como um agente de mediação emocional. Segundo Gomes (2007), o modo de endereçamento é orientado para o receptor e define a singularidade do produto; neste caso, o estilo de “proximidade física” forjado pelas entradas ao vivo convoca o espectador a não apenas assistir à tragédia, mas a partilhá-la como uma experiência coletiva de comoção nacional.

Na edição em estudo, ocorreram diversas entradas ao vivo diretamente de Porto Alegre. O apresentador Bonner entrou ao vivo várias vezes, seja introduzindo reportagens, entradas ao vivo de jornalistas que estavam em locais alagados, fazendo entrevistas e até pequenos comentários sobre a situação caótica. Além disso, cabe destacar que três jornalistas foram chamados das ruas na edição: Maria Eduarda Ely, Günter Schöler e Guilherme Balza. Aqui, cabe salientar o pensamento de Coutinho e Mata (2013) quando dizem que o jornalista de TV tem a responsabilidade de fazer acompanhamento de situações trágicas e de narrar os fatos ao público. Sob esse olhar analítico, refletir-se-á sobre as participações de William Bonner e, também, sobre as entradas ao vivo dos três repórteres citados acima.

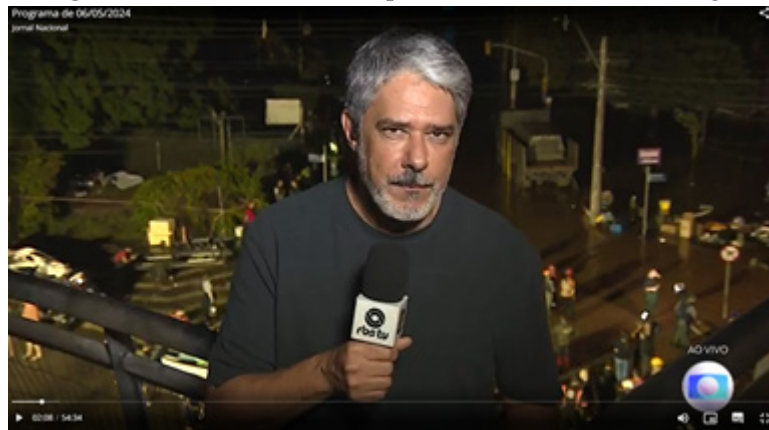
3 Critérios de noticiabilidade podem ser entendidos como um conjunto de valores-notícia que filtram se determinada ocorrência pode se tornar notícia ou não, isto é, se pode ser um assunto noticiável ao público (Traquina, 2005). Wolf (2003, p. 196) reflete sobre noticiabilidade: “[...] a noticiabilidade corresponde ao conjunto de critérios, operações e instrumentos com os quais os aparatos de informação enfrentam a tarefa de escolher cotidianamente, de um número imprevisível e indefinido de acontecimentos, uma quantidade finita e tendencialmente estável de notícias”.



A primeira participação ao vivo ocorreu no início do programa, quando Bonner entra no decorrer da escalada do telejornal, mostrando um panorama da situação devastadora do RS. Logo após a escalada, o apresentador entra ao vivo, de Porto Alegre, falando que o telejornal vai ser apresentado da cidade. O âncora salienta que no decorrer dos dias, a situação do Estado foi piorando, além de dar dados sobre o número de mortes e de desaparecidos pelas cheias. Quando fala do número de mortes, cabe salientar que se mostra a morte como um critério de noticiabilidade (Traquina, 2005). Essa escolha narrativa, ao evidenciar o luto em tempo real, corrobora a perspectiva de Bueno (2017) sobre a exploração do potencial dramático em desastres, aqui ressignificado como um esforço de engajamento solidário que, embora necessário para a mobilização, tende a circunscrever a tragédia ao âmbito do impacto imediato e do sofrimento, em detrimento de uma análise das causas estruturais da crise climática.

As palavras de Bonner acenam para as dimensões da tragédia e destacam que as previsões meteorológicas não são favoráveis. Ele ressalta, ainda, que a equipe da Globo foi ao RS para dar suporte e para ajudar, devido ao caráter dos estragos provocados pelas cheias e pelos danos causados por elas. Aqui, em relação a critérios de noticiabilidade, é possível evidenciar, de acordo com Traquina (2005), valores-notícia de seleção, como notoriedade, relevância, notabilidade e inesperado. Já em relação a valores-notícia de construção, é visível a relevância.

Figura 1 – William Bonner apresenta o JN em Porto Alegre



Fonte: GloboPlay (2024).

Como mostra a Figura 1, Bonner fez a apresentação da edição em estúdio do JN usando uma camiseta preta, fugindo do seu estilo mais formal normalmente assumido. Esse elemento performático não é apenas estético, mas um marcador simbólico de sobriedade e identificação. Como aponta Negrini (2018), o estilo está relacionado às especificidades do programa e aos delineamentos dos textos veiculados; o uso do preto atua, portanto, como uma extensão visual do pacto de “aproximação” que o JN busca estabelecer com a dor do território, eliminando a distância formal entre a emissora sediada no Rio de Janeiro e o Rio Grande do Sul em colapso. O uso de vestimentas mais informais e de cor escura denotam que o telejornal tenta ficar mais próximo do estilo do povo, que está nas ruas e da situação que a cidade se encontra. A cor preta combina com o cenário ao ar livre, que está com pouca iluminação, escuro, remetendo à penumbra e a tristezas. A sobriedade do contexto formado para apresentação faz alusão ao contexto de destruição presente no RS no contexto das enchentes. Como contribui Negrini (2024, p. 109), em relação ao uso de preto por apresentadores de telejornais: “O uso do preto pelos apresentadores remete a tristezas, ao luto e à sobriedade”.



Com a sequência da edição, o apresentador volta ao vivo do centro da capital gaúcha, descreve o contexto que está visualizando e chama a repórter Maria Eduarda Ely, que também está nas ruas, acompanhando a situação, para descrever os resgates de desabrigadas. Bonner também descreve o cenário de Porto Alegre (Figura 2), falando que as águas do Rio Guaíba não deveriam estar passando pelo local em que a equipe se encontra. Novamente, imagens escuras são levadas ao ar e o cenário apresentado remete a perspectivas de tragédias e de terror.

Figura 2 – Imagem de Porto Alegre no dia 6 de maio de 2024



Fonte: GloboPlay (2024).

Maria Eduarda Ely dá seguimento à fala de Bonner (Figura 1). A repórter também está vestindo roupas pretas e tem um olhar sério, remetendo a tristezas. Ela anda pelo local, dentro da água, e salienta que centenas de pessoas estão sendo resgatadas do bairro São Geraldo, na capital gaúcha. Ao fundo (Figura 2) é visível que muitas pessoas estão dentro da água e que há movimentações de salvamento. Ely também explica como está sendo feito o resgate, fala do trabalho voluntário e aponta que as águas continuam a subir. O tom de seriedade é mantido em toda a fala da repórter. As ponderações sobre a situação de alagamento e sobre os resgates abarca valores-notícia contextuais, como visualidade e disponibilidade (Traquina, 2005), dando concretude ao fato narrado. Nesse ponto, percebe-se que o “ao vivo” atua como um validador de verdade. Ao permitir que o espectador acompanhe o movimento das águas e o esforço físico dos resgatistas em tempo real, o JN constrói um possível “contrato de veracidade” onde a imagem instável e imediata vale mais do que qualquer estrutura narrativa prévia. A instabilidade da imagem, típica de transmissões em zonas de catástrofe, deixa de ser uma falha técnica e torna-se um signo de autenticidade, aproximando o espectador da experiência física do cenário. Ao se tratar de valores de seleção, cabe elencar questões como notoriedade (pela proeminência da situação), relevância (ao abordar questões que impactam a vida de toda uma população), novidade (um fato recorrente e atual) e inesperado (a amplitude da tragédia, ainda que apresentasse indícios, é algo da ordem do surpreendente).

Figura 3 – Maria Eduarda Ely no JN do dia 6 de maio de 2024



Fonte: GloboPlay (2024).



Na sequência, novamente, Bonner volta a aparecer e chama o repórter Günter Schöler (Figura 4), que está no município de Roca Sales. Os dois dividem a tela e são apresentados em sua troca de palavras de forma séria, com baixa expressividade além da preocupação.

Figura 4 – Günter Schöler, de Roca Sales, no JN do dia 6 de maio de 2024



Fonte: GloboPlay (2024).

As palavras de Günter reiteram o cenário de crise, apontando que os níveis do Rio Taquari quebraram níveis históricos. O repórter ainda relata que o município está sem água e sem luz, além de estar isolado. Também, naquele contexto, o repórter destacou mortes na cidade, falando ainda que cinco pessoas de uma mesma família foram encontradas mortas e que elas estavam abraçadas. Cabe ressaltar que Günter não usava roupas pretas, mas estava com vestimentas sóbrias. Ele devolve a fala a William Bonner, que dá seguimento ao telejornal destacando que as chuvas devastaram outros locais, além da capital gaúcha, e chamando reportagem. De Cristiane Gallisa sobre a situação dos desabrigados em Porto Alegre. Após a reportagem, Bonner entrevista (Figura 5), ao vivo, o governador do RS, Eduardo Leite. Na entrevista, as expressões do apresentador e do político denotam preocupação. E o governador faz um agradecimento pelas ajudas que o RS está recebendo e destaca que o estado está trabalhando com força total, mas precisa de ajuda nos mais diversos setores para restabelecer as condições dos mais diversos locais. O cenário da entrevista é o mesmo que está ocorrendo a apresentação do JN, com escuridão e demonstração de caos social. O governador usava colete da defesa civil, demonstrando total engajamento com a causa de recuperação do RS. Em relação à entrevista com Leite, em nível contextual, valores-notícia, como disponibilidade, equilíbrio e visualidade, podem ser percebidos.

Figura 5 – Bonner entrevista Eduardo Leite no JN do dia 6 de maio de 2024



Fonte: GloboPlay (2024).



Após a entrevista do governador, Bonner chama a previsão do tempo. Depois dessa parte, o apresentador volta ao vivo de Porto Alegre introduzindo uma reportagem sobre o aquecimento global. A transição é reveladora do pacto sobre o papel do jornalismo em contextos críticos. Ao conectar a urgência do resgate (o fato imediato) com a temática das mudanças climáticas (o contexto estrutural), o JN tenta equilibrar a necessidade de ação imediata do público com a responsabilidade educativa do jornalismo ambiental. Entretanto, a brevidade com que o tema é abordado em contraste com a longa exposição da tragédia física reitera a tensão apontada por Holanda, Kääpä e Costa (2022): o jornalismo hegemônico ainda prioriza a espetacularização do evento sobre a problematização da estrutura, mantendo o aquecimento global como uma nota de rodapé diante do impacto emocional do desastre. Após a reportagem, ele volta chamando o público para o próximo bloco, no qual vai ser falado sobre as doações que estão vindo de todo o país. Depois do intervalo de bloco, o cenário sombrio é novamente mostrado e Bonner destaca o trabalho de resgate por bombeiros, que são de todo o país.

Na sequência do telejornal, Bonner chama o repórter Guilherme Balza (figura 6), que se encontra em um local nas proximidades do Bairro Humaitá, que fica localizado na zona Norte de Porto Alegre. Balza diz estar na entrada do bairro, mostra o local cheio de água e reitera, de forma verbal, que o bairro está todo embaixo d'água. A cena é escura e contrasta com a camisa de Guilherme, que é azul claro. Há um passeio da câmera e é mostrado um caminhão embaixo da água, além do estádio de futebol do Grêmio, que também foi bastante afetado pela situação climática. É destacado que a maioria das pessoas foram retiradas de suas casas e que muitos estão sem ter local para ir. O repórter ainda salienta que não há previsão de que as águas baixem naquele contexto.

Depois da entrada ao vivo de Balza, Bonner entrevista pessoas que estavam fazendo trabalhos voluntários e ajudando nos resgates. Os entrevistados narram as situações complexas em que as pessoas atingidas pela água se encontram. É destacado por um dos que deram depoimento que o cenário é de guerra e de terror, que pessoas foram retiradas dos bairros com água no pescoço. Aqui, critérios de noticiabilidade, como notabilidade e relevância, podem ser evidenciados. Bonner diz que dá seu testemunho, pois presenciou o trabalho que está sendo feito para minimizar a situação tensa. Aqui, o pacto sobre o papel do jornalismo é reforçado pela autoridade moral do apresentador. Ao se colocar como testemunha ocular, Bonner desloca o eixo do jornalismo da objetividade clássica (que exigiria o distanciamento do observador) para uma postura de engajamento solidário. Esse modo de endereçamento, que convoca o âncora a sair da bancada para “sentir” o fato, é a estratégia máxima de aproximação que o JN utiliza para legitimar sua cobertura. É o momento em que a figura pública do apresentador se funde com a dor da coletividade, transformando a notícia em um chamado à ação, mas que, ao mesmo tempo, eclipsa a possibilidade de críticas mais contundentes às gestões políticas, visto que o tom de “união na crise” prevalece sobre o tom de fiscalização de responsabilidades.

Figura 6 – Entrada ao vivo no JN do dia 6 de maio de 2024



Fonte: GloboPlay (2024).



O apresentador enfatiza, em suas entradas, a existência de um site do governo do Estado de doação para ajuda às vítimas. A divulgação do site demonstra o engajamento do programa em tentar conseguir ajudas para o RS e, também, em assumir o papel de dar suporte à sociedade gaúcha. E Bonner ainda destaca que além dos voluntários que estão em Porto Alegre há muitos outros, como bombeiros, fazendo o trabalho. A fala do apresentador introduz uma reportagem sobre resgates. O apresentador encerra sua participação na edição enfatizando que muitas vidas sejam salvas no RS com os trabalhos de resgate. O fechamento feito pelo apresentador acena para a existência de valores-notícia como notoriedade e proximidade (Traquina, 2005), ao colocar a situação trágica de um estado em plena vista para todo o país.

REFLEXÕES FINAIS

Concluída a análise proposta, compreende-se que a cobertura do Jornal Nacional sobre as enchentes de maio de 2024 no Rio Grande do Sul se estruturou a partir de um pacto específico sobre o papel do jornalismo, fortemente ancorado na ideia de testemunho, proximidade e responsabilidade social. As entradas ao vivo, amplamente mobilizadas na edição analisada, configuraram-se como dispositivos centrais para a construção de um modo de endereçamento que posiciona o telejornal como mediador legítimo entre a tragédia e o público nacional. Ao deslocar o âncora e os repórteres para os locais afetados, o JN reforçou sua autoridade simbólica e sua função de referência informativa em contextos de crise, produzindo uma narrativa marcada pela factualidade, pela urgência e pelo apelo ao interesse público. Observa-se, portanto, que esse pacto se materializa por meio de escolhas narrativas, visuais e performativas que intensificam a sensação de presença e de compartilhamento da experiência trágica. Se, por um lado, o modo de endereçamento adotado pelo JN cumpre seu papel de mediador social ao catalisar redes de voluntariado e visibilizar a urgência, por outro, ao estruturar-se quase exclusivamente através de uma “estética do desastre” e da dor, o telejornal limita as possibilidades de um jornalismo ambiental que promova a reflexão crítica. O pacto sobre o papel do jornalismo se efetiva, também, pelos critérios de noticiabilidade, que acenam para presença da notoriedade, relevância e do inesperado como fatores potentes na seleção dos acontecimentos que levam às entradas ao vivo, mostrando que a urgência foi um ponto de delineamento do estilo assumido na edição do JN em estudo.

A centralidade das imagens de destruição, do sofrimento das vítimas e do trabalho de resgate, aliada ao tom sóbrio e emocionalmente contido dos jornalistas, contribui para a construção de um enquadramento que articula comoção e credibilidade. Tal estratégia reforça a função do jornalismo como instância de ordenação do caos informativo e de produção de sentidos sobre a tragédia, ao mesmo tempo em que evidencia tensões recorrentes entre informação, espetacularização e mobilização social.

Nesse contexto, a cobertura analisada dialoga, ainda que de forma parcial, com pressupostos do jornalismo ambiental, especialmente no que diz respeito à compreensão das tragédias climáticas como fenômenos de alto impacto social. Embora o foco narrativo tenha recaído predominantemente sobre os efeitos imediatos das enchentes (danos materiais, perdas humanas e ações emergenciais), a presença pontual de conteúdos relacionados às mudanças climáticas e ao aquecimento global sugere uma abertura para a contextualização ambiental do evento. No entanto, essa dimensão aparece de modo secundário, indicando que o potencial pedagógico e explicativo do jornalismo ambiental, voltado às causas estruturais e às responsabilidades políticas e econômicas, ainda é explorado de forma limitada em cobertu-



ras dessa natureza. Nesse sentido, em diálogo com Holanda, Käöpä e Costa (2022), constata-se que a análise descritiva da cobertura revela uma lacuna pedagógica: o JN opera com excelência na função de “testemunha”, mas falha em se aprofundar como um espaço de mediação simbólica que questione as assimetrias de poder e as causas políticas da degradação ambiental. A ênfase no “ao vivo” e no drama pessoal das vítimas, embora central para a eficácia do formato telejornalístico de rede, acaba por reduzir a tragédia climática a um evento excepcional, esvaziando, em certa medida, o potencial da comunicação ambiental de estimular o debate público sobre as políticas de prevenção e as responsabilidades históricas na crise climática em curso.

Por fim, conclui-se, a partir das observações deste estudo e das reflexões de Negrini e Cousin (2025), que o Jornal Nacional reafirma, na cobertura das enchentes do Rio Grande do Sul, um modelo de telejornalismo que se ancora na força do “ao vivo” como estratégia de endereçamento e legitimação discursiva. Esse modelo contribui para a mobilização social e para a construção de redes de solidariedade, mas também suscita reflexões críticas sobre os limites entre informar, sensibilizar e espetacularizar. Assim, o estudo evidencia a importância de aprofundar investigações sobre como o telejornalismo pode incorporar de maneira mais consistente os princípios do jornalismo ambiental, ampliando a leitura das tragédias climáticas para além do evento excepcional e inserindo-as em debates mais amplos sobre sustentabilidade, prevenção e justiça socioambiental.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, M. F.; MOTTA, J.; SOUZA, E. A. Comoção pública e os testemunhos da destruição, da urgência e do sofrimento: de Mariana à Brumadinho. **Revista ECO-PÓS**, Rio de Janeiro, v. 25, p. 24-47, 2022.
- BUENO, W. C. A cobertura jornalística de catástrofes ambientais: entre a vigilância e a espetacularização da notícia. **Anuário Unesco Metodista de Comunicação Regional**, São Bernardo do Campo, v. 39, n. 1, p. 21-41, 2017.
- BUENO, W. Jornalismo ambiental: explorando além do conceito. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Curitiba, n. 15, p. 33-44, 2007.
- BACKES, V. C.; DALMOLIN, A. R. Entrada ao vivo no telejornalismo brasileiro: uma análise da relação entre as transformações tecnológicas e a incidência do formato de notícia. In: 71º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom 2024, Balneário Camboriú. **Anais do Intercom 2024**. SC: Intercom, 2024. p. 1-7.
- CHRISTOFOLETTI, R.; TRICHES, G. L. Interesse público no jornalismo: uma justificativa moral codificada. **REVISTA FAMECOS (ONLINE)**, v. 21, p. 484, 2014.
- COUTINHO, I.; MATA, J. A atuação do repórter na cobertura televisiva de tragédias: o olhar do jornalista como testemunha do fato que enuncia. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 10, p. 379-398, 2013.
- DEBORD, G. **A Sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- ELLSWORTH, E. Modos de Endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. In: SILVA, T. T. **Nunca fomos humanos – nos rastros do sujeito**, Belo Horizonte: Autêntica, 2001.



GOMES, Itania. Questões de método na análise do telejornalismo: premissas, conceitos, operadores de análise. **Revista ECompós**, Porto Alegre, v.18, no. 1, p. 111-130, janeiro – abril de 2007.

HOLANDA, J.S.P.D.; KÄÄPÄ, P.; COSTA, L.M. Jornalismo ambiental: características e interfaces de um campo em construção. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 45, p. 1-17, 2022.

LAGE, L. O rosto do sofrimento na TV: notas sobre o primeiro plano no telejornalismo. In: **Animus**, v. 16, n. 31, 2017.

NEGRINI, M.; COUSIN, C.. O Sofrimento através Da televisão: Os Enquadramentos Das Enchentes Do Rio Grande Do Sul No Jornal Nacional. **Intexto**, nº 57, julho de 2025.

NEGRINI, M. Editorial do Jornal Nacional das 500 mil mortes por Covid no Brasil como vetor para outras performances. **Vozes e Diálogo (UNIVALI)**, v. 23, p. 100-117, 2024.

NEGRINI, M. **A morte em horário nobre: A espetacularização da notícia no telejornalismo brasileiro**. 248 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Escola de Comunicação, Artes e Design, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

NEGRINI, M. TELEJORNALISMO EM ANÁLISE: CONSIDERAÇÕES SOBRE GÊNERO TELEVISIVO E MODO DE ENDEREÇAMENTO. **Aturá - Revista Pan-Amazônica De Comunicação**, v. 2, n. 1, 99–119, 2018.

NETO, Luís Boaventura de Andrade. **A produção de notícias em formato híbrido no telejornalismo de rede da TV Globo**. 227 f. Tese (Doutorado em Estudos da Mídia) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2022.

REIS, M. A.; THOME, C. A.; MIRANDA, P. Novas funções e competências do telejornalismo brasileiro. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 41., 2018, Joinville. **Anais [...]**. São Paulo: Intercom, 2018.

SILVEIRA, I. C. M. **A performance de apresentadores e repórteres na cobertura da morte de profissionais da imprensa na tragédia da chapecoense**. 2020. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2020.

SILVA, F. M. **Dos telejornais aos programas esportivos: gêneros televisivos e modos de endereçamento**. 2005. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporânea) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.

TRAQUINA, N. **Teorias do Jornalismo: a tribo jornalística, uma comunidade interpretativa transnacional**. Volume 2. Florianópolis: Insular, 2005.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação de massa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

Submissão: 22/04/2026

Aceite: 03/06/2026